

1 **O DISCURSO DO PRECONCEITO CONTRA O NEGRO:**
2 **ANÁLISE DE TIRAS E PROPOSTA DIDÁTICA**
3 **PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

4 *Leandro Sant'Anna da Silva Guimarães* (UFRJ/FABERJ)
5 afungancho@yahoo.com.br

6 *Roberta dos Santos de Oliveira* (UFRJ/UNIRIO)
7 betasantoliv@yahoo.com.br

8
9 **RESUMO**

10 O presente artigo consiste na análise do preconceito apresentado por duas tiras
11 retiradas de sites de humor, as quais têm o negro como tema. Tal análise é fundamen-
12 tada na análise do discurso francesa, a partir dos pressupostos teóricos de Michel
13 Pêcheux (1995) e Eni Puccinelli Orlandi (2001), em especial, no que se referem aos
14 conceitos de discurso, ideologia e estereótipos. Além disso, a partir do *corpus* deste
15 trabalho, é apresentada uma proposta de atividade para turmas finais do ensino fun-
16 damental, em conformidade com as recomendações dos *Parâmetros Curriculares Naci-*
17 *onais*, no tocante aos objetivos do ensino e ao tratamento dos temas transversais na sa-
18 la de aula.

19 **Palavras-chave:** Discurso. Ideologia. Preconceito racial.

20
21 **1. Introdução**

22 Sabemos, através da história deste país, que o negro foi e ainda é,
23 muitas vezes, uma espécie de *persona non grata* na nossa sociedade.
24 Principalmente após a abolição da escravidão, quando lhe foram conce-
25 didos, teoricamente, os mesmos direitos civis, políticos e sociais do bran-
26 co colonizador. Todavia, sabemos que esses direitos nunca foram plena-
27 mente desfrutados, e desde então o preconceito tem se perpetuado, mui-
28 tas vezes, camuflado por uma “falsa democracia”. Ainda que no decorrer
29 dos anos tenham sido criadas leis que criminalizam o preconceito racial e
30 de sistemas de cotas em universidades e concursos públicos, a fim de
31 coibir atos racistas e minimizar/compensar as perdas históricas do negro
32 na sociedade brasileira, respectivamente, manifestações de racismo con-
33 tra o negro continuam muito vivas neste país.

34 Este trabalho consiste na análise de duas tiras retiradas de sites de
35 humor e que têm como tema o racismo contra o negro. Tal análise é fun-
36 damentada na análise do discurso francesa, a partir dos pressupostos teó-
37 ricos de Michel Pêcheux (1995) e Eni Puccinelli Orlandi (2001), apon-

1 tando os seguintes conceitos da análise do discurso: discurso, ideologia,
2 formação discursiva, formação ideológica, sujeito e estereótipos. Além
3 disso, a partir dos textos, *corpus* deste trabalho, é apresentada uma pro-
4 posta de atividade para turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental, em
5 conformidade com a proposição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*,
6 no tocante aos objetivos do ensino e ao tratamento dos temas transversais
7 na sala de aula.

8

9 2. *Fundamentação teórica*

10 É do conhecimento de todos que o homem é um ser social, ou se-
11 ja, vive em sociedade, participa de grupos, como família, escola, equipe
12 de trabalho, instituição religiosa etc. Ainda que interaja com poucos gru-
13 pos sociais, ninguém vive sozinho, isolado das outras pessoas – salvo os
14 casos de indivíduos que se isolam no meio das florestas ou no alto das
15 montanhas, por exemplo. E no convívio diário com o seu semelhante, o
16 homem precisa interagir, estabelecer comunicação, a qual se dá, na maio-
17 ria das vezes, através da linguagem verbal, seja na modalidade oral ou na
18 modalidade escrita. Desse modo, o homem está todo o tempo produzindo
19 enunciados, textos e discursos.

20 Analisar a estrutura de um texto e, a partir disso, compreender as
21 construções ideológicas presentes nele é o principal objetivo da análise
22 do discurso. Em outros termos, a análise do discurso se ocupa em anali-
23 sar o processo de produção de um texto, em que condições ele fora pro-
24 duzido, os elementos constitutivos do discurso. Segundo Eni Puccinelli
25 Orlandi (2001, p. 15):

26 A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua,
27 não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do
28 discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso,
29 de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em mo-
30 vimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem
31 falando.

32 Dessa forma, pode-se pensar em “discurso” com maior amplitude,
33 pois, enquanto a noção de texto pode ser restrita a conjunto de enuncia-
34 dos que apresentam unidade de sentido, por exemplo, a noção de discurs-
35 so vai além da de texto, inclui também o seu produtor, o homem, de que
36 lugar fala, por que fala, com que finalidade, quais vozes são reproduzidas
37 nessa fala, quais pensamentos etc. Por isso, o conceito de discurso está
38 estreitamente ligado ao de ideologia. Para Helena Hathsue Nagamine

1 Brandão (2012, p. 11), o discurso é o ponto de articulação dos processos
2 ideológicos e dos fenômenos linguísticos. Em outras palavras, o discurso
3 é o material específico da ideologia, é através dele que as ideias se pro-
4 pagam na sociedade, sejam elas verdadeiras ou não, da mesma forma que
5 ele só se materializa porque existe uma língua, um conjunto de palavras,
6 um sistema de signos, dos quais ele se vale e se constitui. Nessa direção,
7 Eni Puccinelli Orlandi (2001, p.38) afirma que “todo dizer é ideologica-
8 mente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras
9 dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e
10 da ideologia”. A autora ainda diz que:

11 Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o dis-
12 curso e a materialidade específica do discurso é a língua, [a análise do discurs-
13 so] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa
14 com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e
15 não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideolo-
16 gia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2001, p. 17)

17 Em *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*,
18 Michel Pêcheux (1995) afirma que o sentido de uma palavra, de uma ex-
19 pressão, de uma proposição, não existe “em si mesmo”, isto é, colado ao
20 significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em
21 jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e propo-
22 sições são produzidas (isto é, reproduzidas). Para Michel Pêcheux a ideo-
23 logia é a matriz do sentido:

24 as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posi-
25 ções sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem
26 seu sentido em referência a essas posições, isto é em referência às formações
27 ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1995, p.
28 160)

29 Os conceitos de *formação ideológica* e *formação discursiva* são
30 imbricados, uma vez que a formação ideológica tem como um de seus
31 componentes as formações discursivas, ou seja, os discursos são gover-
32 nados por formações ideológicas. Segundo Michel Pêcheux (1995, p.
33 160),

34 Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação
35 ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada,
36 determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser*
37 *dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de
38 uma exposição, de um programa etc.).

39 A formação discursiva tem dois tipos de funcionamento: trata-se
40 de um sistema de paráfrases, ou seja, de constante retomada e reformula-

1 ção dos enunciados, como forma de preservar sua identidade, e está rela-
2 cionada às construções anteriores e exteriores, que se diferenciam do que
3 é construído pelo enunciado, o que se chama de *pré-construído*. Eni Puc-
4 cinelli Orlandi (2001, p. 32) assevera que, “o fato de que há um já-dito
5 que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se
6 compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos
7 e com a ideologia”.

8 Quando se trata dos principais conceitos da análise do discurso,
9 não se pode ignorar a noção de *sujeito*, o qual não é totalmente livre, uma
10 vez que não é o criador do seu discurso e, sim, reproduzidor do discurso do
11 outro, de um discurso já construído e selado historicamente. É, pois, o
12 sujeito do discurso resultado da sua relação com a linguagem e a história.
13 Para Eni Puccinelli Orlandi (2001, p. 50):

14 A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa
15 bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é ca-
16 paz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo di-
17 zer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que cha-
18 mamos de assujeitamento.

19 Dessa forma, afetado pela ideologia e, também, a partir do lugar
20 onde fala, bem como do papel que representa – o que a análise do discurs-
21 so denomina *condições de produção* –, o sujeito produz o seu discurso, o
22 qual é a representação de si mesmo, mas, principalmente, a representação
23 do outro, a representação de uma determinada classe, a reformulação de
24 discursos proferidos anteriormente em uma determinada sociedade.

25 Além dos conceitos acima discorridos, para este trabalho, é de
26 suma importância tratar da definição de *estereótipos*, os quais podem ser
27 entendidos como imagens pré-concebidas de determinadas pessoas e são
28 usados, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupos na soci-
29 edade. Assim, a partir de um conceito de um grupo social, atribui-se uma
30 característica, na maioria das vezes depreciativa, a todas as pessoas desse
31 grupo. Os estereótipos podem ser associados, ainda, à noção de pré-
32 construído, termo que Henry propôs para “designar o que remete a uma
33 construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao
34 que é ‘construído’ pelo enunciado”. (PÊCHEUX, 1995, p. 99)

35 Para Michel Pêcheux, o interdiscurso enquanto pré-construído
36 “fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui
37 como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (1995,
38 p. 167). O autor (1995, p. 164) ainda diz: “diremos, então, que o ‘pré-
39 construído’ corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que

1 fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade
2 (o ‘mundo das coisas’).
3

4 Em suma, ao se comunicar, o homem profere discursos, os quais
5 não são originais, mas a reformulação de discursos ditos anteriormente
6 numa determinada sociedade. A construção desses discursos é condicio-
7 nada pelo lugar de onde o indivíduo fala e o papel que ele ocupa na soci-
8 edade. Além disso, tais discursos vão refletir o ponto de vista de uma
9 classe social, possivelmente da classe dominante e, por vezes, tal ponto
10 de vista poderá veicular uma imagem que consiste na redução (negativa)
11 – estereótipos – de outra classe (não dominante). É válido considerar que
12 ao propagar um estereótipo arraigado no seio da sociedade através do seu
13 discurso, o indivíduo pode fazê-lo, por vezes, inconscientemente (ou au-
14 tomaticamente), uma vez que pode produzir o seu discurso sem maior re-
15 flexão, discurso que, na verdade, não tem nada seu, mas do outro.

15

16 3. *Análise dos textos*

17 Nesta seção analisamos, à luz da análise do discurso francesa, a
18 partir dos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Or-
19 landi, duas tiras que trazem o racismo contra o negro como tema. A pri-
20 meira foi retirada do site *Quadrinhos Ácidos*, uma série de tirinhas pro-
21 duzidas pelo ilustrador, publicitário e cartunista Pedro Leite, e que retra-
22 tam a cada semana diversos temas do cotidiano, com humor ácido e abra-
23 sivo, segundo informações do próprio site. Já a segunda tira foi retirada
24 de um *blog*, intitulado *Blogge do Cara*, o qual é administrado por um
25 blogueiro que se intitula “Ocara” e veicula postagens românticas e humo-
26 rísticas.

27 O texto 1 retrata oito situações em que um interlocutor se dirige a
28 outro interlocutor, este negro, e profere um discurso que não é seu, mas
29 sim das vozes de uma sociedade preconceituosa, o qual foi proferido,
30 possivelmente, inúmeras vezes e em variados contextos e carrega uma
31 série de estereótipos do negro:

32



Fonte: www.quadrinhosacidos.com.br

2
3

4 Em cada situação comunicativa, está em jogo uma ideia pré-
5 concebida no seio da nossa sociedade a respeito do negro. Essas ideias
6 não são expressas diretamente, mas através dos implícitos facilmente
7 identificáveis, considerando-se as condições de produção dos discursos,
8 ou seja, na maioria das situações, um branco dirige seu discurso a um negro e o fato de o locutário desse discurso ser negro faz com que a sentença proferida tenha sentido, se associada às questões histórico-sociais da sociedade brasileira. Tais ideias são:

- 12 1. “Para uma negra, você até que é bonita!” = Negro é feio.
13 2. “Você tem sorte de ser negro! Nem precisa estudar para o vestibular!” = O negro não tem capacidade para ser aprovado no exame ves-
14

- 1 tibular, mas é aprovado pelo sistema de cotas raciais, o que é injusto
2 com aqueles que estudam;
- 3 3. “Você lava cabelo?” = O cabelo do negro é tão estranho que chega a
4 ser impermeável pela água;
- 5 4. “Eu não sabia que gente como você tinha sensibilidade para arte!” =
6 O negro é um ser inferior, que não pode apreciar ou entender de arte,
7 ter gosto refinado etc.;
- 8 5. “Como assim você não sabe sambar?” = Toda negra/mulata sabe
9 sambar;
- 10 6. “Você conseguiu ser advogado com esse cabelo?” = O cabelo do ne-
11 gro “não combina” com certas profissões, como advogado, por
12 exemplo;
- 13 7. “Médica? Você tem mais cara de enfermeira?” = A medicina é uma
14 profissão de certo prestígio na nossa sociedade e, por isso, está além
15 da capacidade de um negro, ao contrário da enfermagem, que é exer-
16 cida por aqueles que não tiveram condições financeiras e intelectuais
17 de exercerem a primeira;
- 18 8. “Desculpe! É que eu te achei suspeito!” = Negro é bandido/ladrão ou
19 todo bandido (no sentido de marginal, ou seja, aquele que vive à mar-
20 gem da sociedade e não é bandido do “colarinho branco”) costuma
21 ser negro.

22 Todos os estereótipos veiculados na tira representam um conjunto
23 de ideias, a que podemos chamar de formação ideológica, que na verdade
24 é a visão que a classe branca construiu a respeito do negro na nossa soci-
25 idade. Tais ideias são tão arraigadas no seio da sociedade brasileira que o
26 próprio negro as tem como verdades, às vezes, como no último quadri-
27 nho (situação 8), em que um policial, aparentemente negro, suspeita de
28 outro negro.

29 Os estereótipos a respeito do negro apresentados na tira podem, a
30 princípio, ser agrupados em três categorias: a da aparência, a da condição
31 social e intelectual do negro e, por fim, a do caráter do negro, no que se
32 refere à sua conduta moral. Das situações descritas na tira, a 5 é a única
33 que não se enquadra nessas três categorias, pois quando se associa o
34 samba/ato de sambar ao negro, há mais uma depreciação do gênero mu-
35 sical e sua respectiva dança do que do próprio negro. Tal depreciação se
36 deve ao fato de ter o samba suas origens nos antigos batuques trazidos

1 pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil, ou seja, estar as-
2 sociado ao negro e aos morros cariocas. (TROTТА, 2007)

3 A primeira categoria está relacionada à estética, aos padrões de
4 beleza impostos pela sociedade, os quais, durante muitos anos, excluiu o
5 negro e, na atualidade, mesmo com a inserção da cultura e de modelos
6 afros no mercado da moda, a figura do negro se contrapõe ainda ao pro-
7 tótipo de beleza, às vezes. Por isso, admira-se que o negro seja “bonito”
8 (situação 1), bem como causa estranheza o seu cabelo (situações 3 e 6).

9 A segunda categoria de estereótipos consiste em ser o indivíduo
10 simplesmente negro, o que determinaria a sua condição social e intelec-
11 tual. Isso se justifica pelo fato de ter sido o negro escravo do branco co-
12 lonizador durante parte da história deste país, ou seja, por estar numa po-
13 sição inferior em relação ao segundo. De acordo com José Barbosa da
14 Silva Filho (2006, p. 114-115):

15 Enquanto a escravidão era parte integrante do sistema econômico-social-
16 cultural e ideológico brasileiro, o fato de ser/estar escravo, por si só, já impli-
17 cava a inferioridade da raça negra e do cativo como indivíduo e como ser hu-
18 mano. [...] A 13 de maio de 1888, ele deixa de ser oficialmente escravo e a 15
19 de novembro de 1889 assume a condição de cidadão como os demais mem-
20 bros da sociedade. E aí? Como encarar o fato de que aquele ontem inferior,
21 hoje seja um igual, um competidor? Formula-se então uma maneira de manter
22 a desigualdade. Se a violência física explícita não pode mais ser adotada, utili-
23 za-se a linguagem, a mentalidade, o imaginário, a ideologia para criar pala-
24 vras, imagens, formas e teorias que desprestigiem esses que se querem iguais,
25 perpetuando e reforçando o discurso anterior.

26 Desse modo, quando se tem dificuldade em ver o negro como
27 médico (situação 7), em reconhecer a sua capacidade para apreciar arte
28 (situação 4) e em aceitar o sistema de cotas como uma forma de compen-
29 sação das perdas históricas e sociais que o negro teve durante muitos
30 anos na sociedade brasileira (situação 2), tenta-se, na realidade, manter o
31 negro numa posição inferior, em consonância com a ideologia da então
32 classe branca colonizadora, a qual tem a dificuldade de enxergar o negro
33 como seu semelhante, com as mesmas capacidades intelectuais.

34 A terceira categoria dos estereótipos está relacionada ao caráter do
35 negro, à sua conduta moral na sociedade, em outras palavras, à sua asso-
36 ciação com a figura do criminoso (situação 8), quer assaltante, quer la-
37 drão, quer traficante etc. Tal estereótipo também está presente no texto 2.

38



Fonte: bloggedocara.blogspot.com.br

2
3

4 No texto 2, a forma verbal “levou” é ambígua e direciona o se-
 5 gundo interlocutor da tirinha, assim como a maioria dos leitores, a inter-
 6 pretá-la como “obter para si”, “transportar algo do lugar de origem para o
 7 destino de quem transporta” e não como “transportar do lugar do trans-
 8 portador para acrescentar em outro lugar”. Essa interpretação se dá por
 9 conta da ideia cristalizada na sociedade de que sempre que houver a pos-
 10 sibilidade de subtrair algo, ou seja, de “roubar”, o negro irá fazê-lo – em-
 11 bora haja outra possibilidade de interpretação. Em outras palavras, por
 12 mais que discordemos dessa afirmação, a ideia já está construída na nos-
 13 sa sociedade, já faz parte da nossa formação discursiva.

1 Dessa forma, tanto as situações apresentadas no texto 1 quanto a
2 do texto 2 não apresentam discursos novos, mas são a reformulação e/ou
3 repetição dos discursos proferidos há séculos na sociedade brasileira, os
4 quais seguem a formação ideológica da classe branca colonizadora, a
5 qual não superou a ascensão do negro na nossa sociedade. Os sujeitos
6 desses discursos, dadas as condições de produção, são interpelados pela
7 ideologia da classe dominante (antes como colonizadora, atualmente co-
8 mo principal interessada na manutenção do preconceito), submetendo-se
9 a ela e veiculando, ainda que não intencionalmente, os estereótipos do
10 negro.

11

12 **4. Proposta de atividade**

13 A educação exerce um papel fundamental na construção de uma
14 sociedade mais justa, solidária e igualitária, por isso, os *Parâmetros Cur-*
15 *riculares Nacionais Língua Portuguesa* apresentam como um dos objeti-
16 vos do ensino fundamental que os alunos sejam capazes de:

17 compreender a cidadania como participação social e política, assim como
18 exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-
19 dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando
20 o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (BRASIL, 1998, p. 07)

21 No que diz respeito ao preconceito racial, para alcançar esse obje-
22 tivo, a escola deverá adotar uma prática de combate às posturas etnocên-
23 tricas a fim de desconstruir estereótipos e preconceitos atribuídos ao ne-
24 gro. O ambiente escolar deve cultivar a visão de que as diferenças entre
25 grupos étnicos não estão relacionadas à superioridade ou inferioridade. O
26 texto dos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais –*
27 *Pluralidade Cultural* lembra que propostas e iniciativas que visem à su-
28 peração do preconceito e da discriminação são norteadas e exigidas pela
29 ética e propõe o desenvolvimento, entre outras, das seguintes capacida-
30 des dos alunos:

31 desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que so-
32 frem discriminação;

33 repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social,
34 crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais;

35 exigir respeito para si e para o outro, denunciando qualquer atitude de discrimi-
36 nação que sofra, ou qualquer violação dos direitos de criança e cidadão;

37 valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diver-
38 sidade cultural;

1 analisar com discernimento as atitudes e situações fomentadoras de todo tipo
2 de discriminação e injustiça social. (BRASIL, 1998, p. 143)

3 A abordagem do tema da discriminação racial também está pres-
4 crita na Lei 10.639/03, que altera a Lei no 9.394/96, a qual estabelece as
5 diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial
6 da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-
7 Brasileira":

8 Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e
9 particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-
10 brasileira.

11 § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o
12 estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cul-
13 tura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando
14 a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinen-
15 tes à história do Brasil.

16 Tendo em vista o papel da educação e do compromisso de seus
17 agentes com a construção de uma sociedade democrática, justa e solidá-
18 ria e levando em consideração o que está decretado na legislação e nos
19 documentos oficiais que norteiam os conteúdos a serem abordados no
20 ensino fundamental, buscamos com a proposta de intervenção pedagógi-
21 ca que apresentamos a seguir, contribuir para que se alcance o duplo pro-
22 pósito almejado pelo ensino de língua portuguesa e pela educação como
23 um todo, o de formar proficientes leitores e produtores de textos e cida-
24 dãos críticos e conscientes, aptos ao exercício de seus direitos e deveres
25 na nossa sociedade.

26 Acreditamos que reconhecendo sua existência e sabendo identifi-
27 car os estereótipos e a ideologia oculta nos discursos racistas, nossos alu-
28 nos possam colaborar para a transformação dessa realidade, opondo-se a
29 essas práticas e combatendo-as de forma veemente.

30 Dessa forma, com base nos textos, objeto de análise deste traba-
31 lho, apresentamos as seguintes questões, as quais deverão ser trabalhadas
32 com turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental.

- 33 1. Produzida pelo quadrinista Pedro Leite, *Quadrinhos Ácidos* é uma sé-
34 rie de tirinhas na qual, a cada semana, diversos temas do cotidiano
35 são abordados com um humor ácido, provocativo. Esta que você vai
36 ler agora também apresenta algumas situações muito comuns no dia a
37 dia:



Fonte: www.quadrinhosacidos.com.br

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12

- a) Observe a expressão dos personagens negros. O que suas expressões revelam em relação às falas dos personagens brancos? Explique.
 - b) Mesmo que talvez não tenham sido usadas com a intenção de ofender ou magoar, as falas dos personagens ocultam um preconceito racial. Que ideias pré-concebidas a respeito dos negros estão por trás dessas falas?
 - c) O discurso preconceituoso consiste em atribuir características negativas a uma pessoa ou a um grupo social. Na sua opinião, com que finalidade a pessoa preconceituosa produz esse discurso?
2. Observe a última situação da tirinha.

- 1 a) Qual é a principal diferença em relação às sete primeiras situações?
 2 B) Na sua opinião, por que o policial, também negro, desconfiou do
 3 outro homem negro?
 4 c) Repare na expressão facial do policial. Compare-a com a dos perso-
 5 nagens que falam nas situações anteriores. Qual é a diferença entre
 6 elas? O que a expressão do policial parece exprimir? Explique.
- 7 3. No dia a dia ouvimos muitas piadas sobre negros, portugueses, ju-
 8 deus, etc. Essas piadas representam os estereótipos construídos sobre
 9 esses grupos na sociedade brasileira. Apesar de parecerem brincadei-
 10 ras, não podemos dizer que são neutras, pois elas denunciam alguma
 11 forma de preconceito. A tirinha abaixo contém uma piada sobre o ne-
 12 gro. Leia-a.



Fonte: bloggedocara.blogspot.com.br

13
14

- 15 a) Qual o sentido atribuído à forma verbal “levou” pelo personagem que
 16 conta a piada?

- 1 b) Como o interlocutor entendeu o sentido da frase *um negro veio e le-*
2 *vou 3 (galinhas)?*
- 3 c) Por que o amigo que ouviu a piada foi chamado de racista?
- 4 4. Nessa piada, o humor é construído a partir do duplo sentido da forma
5 verbal “levou”, usada pelo personagem 1.
- 6 a) Se quiséssemos desfazer o “mal-entendido”, que outra forma verbal
7 poderíamos utilizar?
- 8 b) Na sua opinião, se fizéssemos essa substituição, o texto continuaria
9 sendo uma piada? Por quê?
- 10 5. Sabemos que, nos últimos anos, ocorreram alguns avanços em prol da
11 defesa dos direitos do negro no Brasil, na criação de leis de combate
12 ao racismo e na implementação do sistema de cotas para o acesso de
13 negros (e índios) às universidades e reservas em concursos públicos.
14 No entanto, em sua opinião, pode-se afirmar que o Brasil ainda é um
15 país racista? Justifique a sua resposta, se possível, citando alguma si-
16 tuação real.

17

18 5. *Considerações finais*

19 É lamentável que em pleno século XXI e há mais de um século da
20 abolição da escravidão no Brasil, o preconceito contra o negro seja ainda
21 tão recorrente na nossa sociedade. Preconceito esse que se manifesta das
22 mais diversas formas, inclusive por meio de críticas ao sistema de cotas
23 raciais nos exames de vestibular e nos concursos públicos, por exemplo.
24 Fato é que por meio de discursos agressivos ou velados, mas que perpe-
25 tuam discursos preconceituosos e arraigados no seio da sociedade brasi-
26 leira, são veiculados estereótipos do negro, e este continua a ser vítima da
27 ideologia racista, neste país.

28 Neste trabalho, buscamos discutir o funcionamento desses discurs-
29 sos por meio de duas tiras retiradas de sites de humor. Além disso, apre-
30 sentamos uma proposta de atividade sobre o assunto, para turmas dos
31 anos finais do ensino fundamental, em conformidade com as recomenda-
32 ções dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* para o ensino e para o tra-
33 tamento dos temas transversais na sala de aula.

34 Acreditamos que, embora não se trate de um tema novo, o racis-
35 mo deverá ser bastante discutido, ainda, em todas as esferas da nossa so-

1 cidade. Por fim, desejamos que os exemplos utilizados na ilustração
2 dessas discussões, um dia, façam parte de um passado já remoto, de um
3 quadro totalmente revertido.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurs-*
7 *so*. 3. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2012.

8 BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curricula-*
9 *res Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua
10 portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

11 _____. *Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394,
12 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da edu-
13 cação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obri-
14 gatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras
15 providências. Brasília, DF, 2003. Disponível em:
16 <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-veto-13762-pl.html)
17 [493157-veto-13762-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-veto-13762-pl.html)>.

18 LEITE, Pedro. *Quadrinhos Ácidos*. Disponível em:
19 <www.quadrinhosacidos.com.br>. Acesso em: 17-05-2016.

20 OCARA. *Blogge do cara*. Disponível em:
21 <www.bloggedocara.blogspot.com.br>. Acesso em: 17-05-2016.

22 ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso*: princípios e procedimen-
23 tos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

24 PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do
25 óbvio. Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp,
26 1995.

27 SILVA FILHO, José Barbosa da. A história do negro no Brasil. *Cader-*
28 *nos PENESB*, n. 7, p. 102-134, nov. 2006. Disponível em:
29 <http://www.uff.br/penesb/images/jdownloads/Publicacoes/penesb7_web
30 [_pdf](http://www.uff.br/penesb/images/jdownloads/Publicacoes/penesb7_web)>.

31 TROTTA, Felipe. Pobre samba meu. *Revista de História.com.br*. Dispo-
32 nível em: <[http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pobre-](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pobre-samba-meu)
33 [samba-meu](http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pobre-samba-meu)>. Acesso em: 30-05-2016.